

*Albertino Bragança • Boaventura Cardoso • Fátima Bettencourt  
José Eduardo Agualusa • Luandino Vieira • Luís Bernardo Honwana  
Mia Couto • Nelson Saúte • Odete Costa Semedo • Ondjaki*

# Contos africanos

dos países de língua portuguesa

seleção e organização de Rita Chaves  
ilustrações de Apo Fousek



MANUAL DO  
PROFESSOR

ea  
editora ática

# Sumário

*Por um mar navegam as mesmas palavras, 4*

## MOÇAMBIQUE

*O dia em que explodiu Mabata-bata • Mia Couto, 9*

*As mãos dos pretos • Luís Bernardo Honwana, 18*

*O enterro da bicicleta • Nelson Saúte, 24*

## CABO VERDE

*Primo Bitu • Fátima Bettencourt, 35*

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

*Solidão • Albertino Bragança, 45*

## GUINÉ-BISSAU

*A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote • Odete Costa Semedo, 56*

## ANGOLA

*Nós chorámos pelo Cão Tinhoso • Ondjaki, 76*

*Passei por um sonho • José Eduardo Agualusa, 83*

*Gavião veio do sul e pum! • Boaventura Cardoso, 89*

*Zito Makoa, da 4ª classe • Luandino Vieira, 98*

## BIBLIOGRAFIA, 105

*A mesma língua, outro continente, diversos países, 106*

*O conto na África: presença da tradição e atualidade na escrita, 117*

## POR UM MAR NAVEGAM AS MESMAS PALAVRAS

O que podemos ter em comum com a África? Em especial com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, cinco dentre mais de cinquenta países de tão vasto e diversificado continente?

A África permanece desconhecida entre nós, ainda que todos os dias algo venha nos lembrar dos laços que a ela nos unem. Laços que, no caso desses cinco países, passam especialmente pela língua oficial, que é a mesma e tão diversa, expandida em um oceano: o português\*. No entanto, esses países – que foram colônias lusitanas até os anos 1970 – desenvolveram uma relação com a língua portuguesa diferente da nossa. Ali, nem todos os habitantes são falantes do português. Há muitas outras línguas correndo por seus territórios: só em Angola são muitas, como o quimbundo e o quicongo; em Moçambique, o número também é exorbitante, e inclui o macua e o xichangana; Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe

\* Em julho de 2007, a Guiné Equatorial, que já tinha o espanhol e o francês como idiomas oficiais, passou a adotar também o português. Sua história, no entanto, a separa dos outros cinco países acima mencionados. Apesar de os portugueses também terem ali chegado no século XV, a Guiné Equatorial não teve colonização lusitana, e sim espanhola. Esse fato influenciou, naturalmente, todas as suas vertentes culturais, incluindo a literatura, que, por esse motivo, não está presente neste livro. (N.E.)

falam variações do crioulo, entre outras línguas. Nessa babel, o português tem um papel importantíssimo: reforçar a unidade nacional a cada um desses países e permitir que eles possam estreitar contato com outras nações lusófonas. A língua portuguesa é o idioma presente nos documentos oficiais, o ensinado nas escolas e o usado por muitos escritores na literatura.

Esta antologia traz contos, em língua portuguesa, de uma África historicamente recente. Quem estiver habituado a encontrar, apenas nos noticiários, as terras e os povos africanos reduzidos à violência e à miséria vai se surpreender. É verdade que esses problemas fazem parte de sua história e principalmente de seu presente, mas não são os únicos fatos a serem destacados. As literaturas africanas são chaves para penetrar os muitos mundos que o continente guarda, desvendando alguns de seus mistérios pelas palavras.

Nesses contos percebemos que as lições do passado, quase sempre associadas ao campo, convivem com as marcas da vida urbana, revelando-nos uma pluralidade de situações que exprimem a força da vida moderna. Aprende-se com as lendas e as fábulas orais, mas se engana quem acha que o continente está preso ao passado, de costas para o futuro\*.

A diversidade também está expressa no período em que os contos foram produzidos. Vejamos os casos de Moçambique e Angola: os dois maiores e mais representativos, no campo literário, países desse grupo. De Moçambique, temos “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana, escrito ainda no tempo em que o território era colônia, diferente de “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto, e “O enterro da bicicleta”, de Nelson Saúte, que falam de um país já emancipado. Como representantes de Angola, “Zito Makoa, da 4ª classe” é de Luandino Vieira, o escritor que muda a literatura angolana nos anos 1960 e retrata com pungência e sutileza as agruras de um momento histórico repressor e violento. Nos anos

\* Para conhecer a história desses países, leia o texto “A mesma língua, outro continente, diversos países” na página 106. (N.E.)

1970, Boaventura Cardoso se destaca pela visão política, pelo bom uso da oralidade, como vemos em “Gavião veio do sul e pum!”. José Eduardo Agualusa, autor de “Passei por um sonho”, surge no fim dos anos 1980 e Ondjaki, com o conto “Nós chorámos pelo Cão Tinhoso”, traz em suas palavras os ventos da novíssima geração.

Apesar de menores, os outros três países ostentam grande riqueza cultural. Ainda no continente, a Guiné-Bissau traz Odete Costa Semedo com seu fabular “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote”, estabelecendo um diálogo com a tradição oral. Partindo para o mar, chegamos a Cabo Verde, representado por “Primo Bitu”, de Fátima Bettencourt. Nesse arquipélago encontramos muita similaridade com o nordeste brasileiro: o clima árido, a força das pessoas e a presença da música são marcas da vida em suas pequenas ilhas. Navegando mais ao sul, aportamos em São Tomé e Príncipe. Vem dali o conto “Solidão”, de Albertino Bragança, povoado por cenas que nos falam da vida junto ao mar, da força da música e do clima de desamparo que seus personagens enfrentam.



O português em que esses contos são escritos tem a força de uma língua que conhecemos bem. É a língua cotidiana que ali está, mas que, em cada um dos países, encontra diferentes formas de se realizar. Há mistura com os idiomas locais, palavras novas, há expressões que pedem maior atenção, há, principalmente, um modo diferente de falar da vida que se transforma e pede novas linguagens. Também isso podemos aprender com a leitura desses contos: se similaridades podem nos aproximar, diferenças não precisam nos afastar. O encontro será mais sólido se o conhecimento ajudar a combater os preconceitos e outros fantasmas. E a literatura é um bom caminho.

RITA CHAVES

*Professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Autora das obras A formação do romance angolano e Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários.*



# Moçambique

Os conflitos que marcaram a história de Moçambique deixaram cicatrizes como minas terrestres e racismo, mas não conseguiram domar a força das tradições culturais. Misturados na memória e no cotidiano da nação moçambicana, a presença da guerra e a ameaça da morte encontram resistência no sonho por paz e liberdade.

*A violência de uma sociedade em guerra pode ser exposta de maneira escancarada. Mas também pode ser contada entre o real e o fantástico, deixando a violência menos crua – mas não por isso menos veemente. O conto a seguir foi originalmente publicado em 1986, quando Moçambique passava por uma guerra civil que durou dezesseis anos. As histórias do pequeno pastor Azarias, do grande boi malhado Mabata-bata e da ave do relâmpago, ndlati, mostram o lugar mágico e o anseio pela mudança em uma época marcada pela brutalidade.*

# O dia em que explodiu Mabata-bata

Mia Couto

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grãos e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo<sup>1</sup> do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo<sup>2</sup> das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada. “*Deve ser foi um relâmpago*”, pensou.

<sup>1</sup> Dote que o noivo paga aos familiares da noiva para casar-se com ela. Esse valor leva em conta que, a partir do casamento, a mulher entregará sua força de trabalho a outro grupo familiar. A cerimônia em que se faz a oferta também é chamada de lobolo. (N.E.)

<sup>2</sup> Umidade semelhante ao orvalho. Também se chama de cacimbo o período do ano em que a temperatura cai e a atmosfera fica mais úmida, o inverno. (N.E.)





# Cabo Verde

Maltratadas pelas constantes secas e pela precariedade econômica, desde meados do século XIX as ilhas de Cabo Verde sofrem grande baixa populacional, devido ao alto índice de emigração. A música, a melancolia, as tradicionais festas populares, o medo e a fome são aspectos que fazem parte da sociedade cabo-verdiana.

*Localizadas em Mato Inglês, pequeno mundo rural na Ilha de São Vicente, as ações em Primo Bitu decorrem filtradas pelos olhos de uma mulher adulta, já com filhos. Em uma linguagem fluente, ela rememora cenas da infância. A imagem de um homem mais velho, o primo Bitu, surge como base de um processo de transformação: do universo infantil (e de sua intolerância) para a descoberta de sentidos ocultos que alguns gestos fazem despontar. Pontuados pelas cores da nostalgia, emergem quadros da vida em Cabo Verde a sugerir que, além dos fatos narrados, o conto aposta na memória como instrumento para evocar o gosto de contar histórias, tão presente no mundo rural africano.*

# Primo Bitu

Fátima Bettencourt

No dia do Ano-Novo, mais fatal que o destino, chegava, todos os anos, primo Bitu à nossa casa, bem de manhãzinha.

Ainda no rescaldo do Natal, nós, os meninos da casa também madrugávamos, agarrados às cornetas, bolas e bonecas de trapos, no limite do transitório encanto. Já não causavam o deslumbramento de uma semana atrás, mas havia sempre a possibilidade de se recriar a beleza perdida da boneca acoplando-lhe uma cabeleira com bonitas e frescas barbas de milho, que a nossa horta do Mato Inglês produzia praticamente todo o ano. Umas havia da cor de ouro velho, brilhantes e sedosas que logo transformavam a feia boneca de feições espalmadas numa linda vampe. Mal imaginava eu na minha infância tão simples, que tinha nas mãos a precursora da sofisticada Barbie, que, muitos anos mais tarde, viria a encantar a meninice das minhas filhas e atrapalhar os meus orçamentos, sempre deficitários de jovem mãe, as toaletes e adornos da Barbie não mais colhidos da natureza, antes adquiridos a peso de ouro.

Os meninos machos da casa, esses rapidamente descobriam que a flauta de cana com os buraquinhos vedados com finíssimas teias

de aranha tinha possibilidades melódicas de longe superiores à da corneta do Pai Natal. Esta então era utilizada como moeda de troca e ia deslumbrar os meninos de Nhô Brás, do outro lado do pequeno vale, que em contrapartida esvaziavam os bolsos de piões, guitas<sup>21</sup> e botões.

Por aí se vê que a nossa manhã do dia de janeiro era ocupadíssima, sem espaços mortos. Como então arranjar tempo e paciência para primo Bitu com a sua cara bexiguenta, os seus olhos aguados e nebulosos e as enormes orelhas que no último janeiro descobríamos serem transparentes?

Primo Bitu usava sempre casaco e bengala. O seu ar soturno combinava com a fala pousada e grave. Parecia estar sempre triste. Estendia às pessoas uma mão fria e frouxa como se estivesse apresentando condolências. Tinha a mania de nos abençoar com aquela mesma mão de casa de morto, inspirando-nos mais medo que qualquer outro sentimento.

Meu pai então, para evitar que passássemos do medo ao gozo, falava do primo com grande entusiasmo e mostrava-nos que ele era pessoa muito direita a quem devíamos respeitar.

Naquela manhã, primo Bitu chegara mais cedo que de costume. Ainda se ouvia o pilão na preparação da farinha para o cuscuz. Meu pai, mais madrugador, fora à horta buscar um cachinho de banana prata, especialmente guardado para aquele dia de festa. Na verdade, tratara-se apenas de um subterfúgio para encobrir o seu principal objetivo que era matar um cabrito para o almoço, mas isso ele não podia dizer.

Havia muita criação em nossa casa e a nossa relação com os filhotes era tão íntima e cheia de ternura que matar um deles à vista dos meninos, estava totalmente fora de questão. Cabrito, franguinha, leitão, burrinho, cada um tinha um nome próprio e era

21 Barbantes. (N.E.)



# **São Tomé e Príncipe**

Arquipélago situado ao sul do golfo da Guiné, colonizado pelos portugueses em 1485 e independente em 1975, São Tomé e Príncipe é um dos menores países da África. Nas histórias de seu povo, as palavras em português, misturadas a línguas imemoriais, aparecem embaralhadas ao canto e à dança.

*Mento Muala, protagonista do conto a seguir, poderia ser um personagem de Jorge Amado. Ou então figurar em alguma canção de Dorival Caymmi.*

*Mesmo não estando na Bahia, mas em São Tomé e Príncipe, Mento se assemelha ao personagem muitas vezes retratado na literatura, nas artes plásticas e nas canções brasileiras: o malandro.*

*E, como qualquer malandro que se preza, ao lado da ginga e malemolência, Mento Muala guarda em si sua dose de melancolia – destilada pouco a pouco em sua história.*

# Solidão

Albertino Bragança

Quando Mento Muala chegava, cheio de bons-dias (*cuma bô sá ê, mína mum?*<sup>24</sup>), cabelo levantado na cabeça, ar vivido, as raparigas comentavam, entusiasmadas.

— As pequenas!... Mento está chegar!

Vinha do mato, machim<sup>25</sup> afiado, as calças enfiadas nas botas altas reviradas pelo cano, deixando a nu o teor branco do forro.

Por onde passasse eram sempre os suspiros das raparigas, o alvoço das mães aflitas, pois a presença de Mento pouco se conciliava com o sossego das mais velhas de Almeirim e Maguida Malé.

Logo que chegasse, era sabido: ou saía uma história brejeira sobre as suas façanhas nos campos da noite, o sono vezes sem conta interrompido em váplegá<sup>26</sup> e cama alheios, ou era um bate-mão<sup>27</sup>, já pr'a já, que deus não fez tempo para se perder.

Transbordava vida, o raio do Mento. Folgazão de primeira, bailarino como nenhum, era vê-lo enrolado no peito das raparigas,

24 Literalmente “como estás, meu filho?”, em crioulo forro. (N.E.)

25 Faca usada na agricultura para capinar. (N.E.)

26 Pequena casa com paredes feitas de ramos de palmeira. (N.E.)

27 Cumprimento; no caso, um gesto de despedida. (N.E.)

deixando-se transportar, embevecido, pela cadência da melodia. Deambulava então pelos cantos do fundão, pisando terrenos só dele conhecidos, a voz sibilina sussurrando o refrão aos ouvidos da rapariga que se lhe alojava nos braços.

Simples, despretenso e respeitador, assim era Mento Muala. Mas também brigão, quando a ocasião a isso o obrigasse. Como daquela vez em Cova Barro, em que pusera termo à festa, em pleno momento de animação.

Aconteceu que Mento conversava num grupo, enquanto do conjunto saía um samba estridente, daqueles que incitam ao êxtase, à entrega total. Nunca foi capaz de dizer donde surgira o par de dançarinos, mas o certo é que se sentiu brutalmente pisado pelo homem, precisamente no dedinho do pé esquerdo, onde um calo aflorava, rebelde, como couve-flor abrindo-se numa horta, em pleno esplendor da gravana<sup>28</sup>.

— Eh, você pisou-me! — reclamou Mento, a voz refletindo dor, o rosto margoso anunciando revolta iminente.

— “Chê”, eu que pisei você não senti? — respondeu, sobranceiro, o outro, enquanto continuava a dançar.

Certo que pouco homem teve coragem de assistir até ao fim, mas houve quem jurasse que nunca vira nada assim. O homem voou pelos ares, o impacte do muro atirando-o de encontro à parede. Reinou confusão, houve gritos e quidalês<sup>29</sup>. Até mesmo “Imperador” Mento — dispensa apresentação, pois quem não sabe da sua infalível participação em briga de fundão, não pode gabar-se de estar inteirado da vida social local — foi visto a correr em direção dos fundos da tribuna dos tocadores, de macheza diminuída, que o ambiente suscitava cuidados e proteção.

28 Estação entre o período das secas e das chuvas, a mais fresca no arquipélago de São Tomé e Príncipe. (N.E.)

29 Pedidos de ajuda. (N.E.)



**A África e o Brasil** são separados por um oceano. O mar, porém, não é suficiente para afogar o que os une. Há semelhanças nos gestos, no paladar, no canto, na miséria, na violência, em certa alegria melancólica e no colorido que invadem o variado cotidiano de lá e cá.

Em alguns casos – cinco, para ser preciso – a ligação se revela ainda mais forte: compartilhamos a mesma língua que Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O que há de africano no Brasil está vivo entre nós, mas não cultivamos o que há de novo na África. Nos contos deste livro, todos de autores contemporâneos, descobriremos admirados a África atual. E descobriremos também novas palavras, tecidas pela distância. E então, ao percebermos essas semelhanças e diferenças que nos unem, podemos de fato conhecer uns aos outros.

